

A intertextualidade pós moderna no figurino moderno de “Um só Coração”¹

Solange Wajnman²

RESUMO

Neste artigo pretendemos introduzir uma reflexão sobre a concepção de modernidade veiculada pelos figurinos da minissérie “Um só Coração”(2004). Estas questões são derivadas de um conjunto de reflexões relativas aos elementos visuais (cenários, iluminação, jogo de câmeras) que compõem uma pesquisa maior. Nos limites deste trabalho caberá a introdução de algumas questões acerca da relação entre padronização e homogeneização em contraponto às questões de intertextualidade expressas no figurino desta minissérie.

¹ Este artigo faz parte da pesquisa que estamos desenvolvendo na UNIP, financiada pela Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UNIP

² Doutora em Sociologia, Paris V, Sorbonne. Professora do programa de pós graduação em Comunicação e do curso de graduação em Moda da Universidade Paulista (UNIP/SP)

INTRODUÇÃO

A minissérie *Um só Coração* exibida pela Rede Globo em 2004 apresentou a trajetória de São Paulo dentro de um panorama histórico em que questões históricas, econômicas, estéticas, políticas e subjetivas se articulavam. Destacam-se aí as questões ligadas ao modernismo e a modernidade e neste sentido, interessa-nos tratar da experiência do moderno e do modernismo do ponto de vista da imagem videográfica. Assim, o esforço deste estudo é justamente compreender por meio de uma sociologia de formas visuais, como a temática da modernidade e do modernismo é incorporada em termos de recursos figurativos e videográficos. Como esta temática se torna uma linguagem visual? Como o figurino e o cenário seriam trabalhados para compor esta linguagem visual? Estas questões são derivadas de um conjunto de reflexões relativas aos elementos visuais (cenários, iluminação, jogo de câmeras) que compõem uma pesquisa maior. Nos limites deste trabalho caberá, no entanto, a introdução de apenas algumas questões acerca da relação entre padronização e homogeneização x questões de intertextualidade expressas no figurino desta minissérie e que envolvem a configuração de escolhas pela direção da minissérie.

Ora, a Rede Globo de televisão configura uma narrativa própria e elege uma concepção de mundo de modernidade e de modernismo do Brasil, quando transmite a minissérie “*Um só Coração*”. Situada em uma condição atual de desenvolvimento tecnológico, com seu desenvolvimento e seus limites, a direção da minissérie da rede globo de televisão opta e decide por certas representações do mundo de modernidade e modernismo que se depreendem da ficção de Maria Adelaide e Alcides Nogueira. Como será esta representação? Apresentará ela matizes da linearidade, representação fiel da história tal como se encontram nos tipos paradigmáticos da Modernidade ou, ao contrário, adotará ela a intertextualidade e estetização próprias às concepções de Pós Modernidade? Tomando como princípio a idéia de que cenários, figurinos e jogo videográfico integram objetos e espaços pretendemos investigar quais são as figurações principais na maneira delas serem elaboradas em termos visuais e materiais.

Os dilemas do figurino contemporâneo

No que diz respeito ao cenário podemos entendê-lo como a ilustração e figuração de elementos existentes no universo dramático e inscritos no espaço em três dimensões (PAVIS:1999). No contexto da produção audiovisual, a cenografia e os objetos de cena são dispositivos próprios para esclarecer o texto e a ação, para figurar uma situação de enunciação e para situar o sentido da ação num determinado espaço/tempo. Como observa Adriana Leite, o figurino

percorre a cena no corpo do ator, ganha a necessária mobilidade, marca a época dos eventos, o status, a profissão, a idade do personagem, sua personalidade e sua visão de mundo, ostentando características humanas essenciais e visando à comunicação com o público(LEITE:2002:62-63).

Entendemos, no entanto, como problemática a questão do figurino sinalizar as características que definem o personagem tais como sexo, classe social e idade e o fato desta representação se colocar como estereótipo. É a própria Adriana Leite que, lembrando Umberto Eco, nos remete a uma consideração “ontológica” do personagem, numa reflexão sobre sua estrutura de objeto estético, originando uma identidade que o aproxima do público e que ao mesmo tempo, facilita sua “leitura”. Dentro desta reflexão Leite argumenta que o bom figurinista seria aquele que partindo do estereótipo “transmuda uma imagem preconcebida em nova imagem, por meio de elementos que engendram a nova forma.” Para ela este ato proporciona uma releitura do estereótipo buscando a originalidade. Surgem, no entanto, problemas no caso da cultura massificada, sempre há a possibilidade de se cair na facilidade da tipificação(LEITE:1992:78-86).

Estas questões são interessantes para refletir sobre esta questão da tipificação e do estereótipo na minissérie a partir do seu estudo do figurino.

A questão que se coloca na contemporaneidade é o paradoxo entre o figurino tomado como mimético, sinalético, representativo e o figurino de flexibilidade significativa. Concordamos com Pavis quando ele observa:.

O paradoxo deste figurino teatral contemporâneo é o seguinte: ele multiplica suas funções, vai além do mimetismo e da

sinalização, coloca em questão categorias tradicionais demasiado estratificadas (cenário, acessório, maquiagem, máscara, gestualidade etc); o “bom” figurino é aquele que retrabalha toda a representação a partir de sua flexibilidade significativa (PAVIS:1999, 169-170).

Outro autor interessante que nos traz esta discussão sobre a questão da representação x intertextualidade é Malcom Bernard (2003:238). Através do estudo do exemplo do salto agulha dentro de um contexto determinado no vestuário, o autor problematiza questões envolvidas no paradigma da ordem moderna e pós moderna. Discussão esta que certamente se aplica às questões do figurino que estamos tratando. Para ele, o uso das palavras “simbolizando” ou “representando” é parte da descrição modernista do objeto moderno. Esta descrição explica o significado do objeto em termos de relações fixas e estáveis como as de identidade de classe e de gênero entre outras. Ao contrário, a descrição do objeto pós moderno explicaria o significado do objeto sendo produzido intertextualmente. Ela explicaria o sentido de um objeto nos termos das relações do objeto com outros objetos, e do seu lugar em vários diferentes textos ou discursos.

Estes estudos são importantes para avaliar o figurino da minissérie estudada. Teria ele funções sinaléticas, representativas ou, ao contrário, intertextuais? Ou seria uma combinação de todos estes elementos? Nos limites deste artigo apenas indicamos pistas para a investigação.

Nossa primeira fonte de dados são os *croquis* dos figurinos da minissérie disponíveis para a exposição “O vestir em São Paulo pela lente de ‘Um só Coração’” realizada na Universidade Anhembi Morumbi. Examinando o depoimento da curadora da exposição, Claudia Fares, vemos ressaltado o trabalho de reinterpretações e citações que percorrem todo o conjunto.

Vejamos:

O que se mostra aqui são fragmentos, indícios de uma realização que só consolida seu brilho na interação com todos os outros elementos. (...) Mas os figurinos, estes fragmentos, em si mesmos, constituem totalidades nas quais estão sintetizados os achados oriundos de um minucioso trabalho de pesquisa, reinterpretações e citações que nos levam a sonhar

junto com a figurinista. Da mesma maneira podemos vislumbrar os caminhos escolhidos pela criação diante da falta de referências de imagens - é preciso ressaltar que nossa memória iconográfica relativa à moda é rara e dispersa-, de recursos materiais-não se encontram tecidos e complementos à disposição no comércio - e de tempo (Exposição Anhembi Morumbi: 2004).

Diante da falta de referências, o que se faz, segundo a curadora, é tecer um caminho fictício em que os figurinos constituem uma intertextualidade entre si e com os recursos contemporâneos disponíveis. A representação fiel e sinalética da história não seria tão primordial. Uma reportagem publicada na *web* nos é bem útil, pois caracteriza o método de trabalho da figurinista e nos faz perceber como o resultado do trabalho é um composto de colagem entre informações históricas, garimpagem de material contemporâneo e uma parcela de interpretações subjetivas. Vejamos:

O ponto-de-partida para a construção dos figurinos: “Com a sinopse em mente começo a compor pranchas de papel pluma: colagens com imagens diversas extraídas de livros, revistas de época, documentos históricos (que podem ser fotos) e sites na Internet sobre períodos passados. Imagens que remetam a atitude e a atmosfera de cada personagem, na trama. Geralmente componho várias pranchas para cada personagem, sejam eles protagonistas ou antagonistas, reais ou fictícios. Em seguida, a primeira etapa da colagem faço intervenções nas imagens, às vezes retiro alguns elementos, outras vezes insiro novos. Destas pranchas concebo as silhuetas, as texturas, as paletas de cores e estampas (onde se inclui o processo de envelhecimento e ‘sujos’ através de técnicas artesanais e alguns recursos industriais de lavanderia, que buscam um efeito real) para os figurinos de época”.

Depois de reunir uma ‘estrada’ de informações sobre todos os personagens, Emilia Duncan apresenta as idéias à Oficina de Figurino do PROJAC e discute os detalhes com a equipe de profissionais. No “Costurão”, uma ampla sala onde se encontram alfaiates modelistas, cortadores, costureiras, bordadeiras e passadeiras, estas idéias são executadas. “Contamos com algumas profissionais externas para o fechamento das roupas (processo final de costura) e com uma assistente de figurinos que literalmente “bate perna” em busca de acessórios, geralmente em bons brechós especializados em moda (cartolas, bengalas com detalhes em prata, abotoadeiras, preciosos enfeites de cabelo, ...) Faço também uma peregrinação *fashion* em busca de texturas específicas. Bato o olho numa determinada textura e sob o meu olhar experiente (são vinte anos de carreira profissional) sei que tipo de modificação ela poderá sofrer à serviço dos figurinos. Algumas vezes olho para uma colcha de renda de musselina com motivos aplicados e identifico seu potencial para se

transformar através da *moulage* (técnica modelagem de alta costura esculpida no corpo), num lindo vestido. Há muitas customizações. Os tecidos escolhidos sofrem interferências: ganham apliques e decorações. Uma renda fina, do tipo gaze, localizada em estratégica parte do vestido, recebe bordados em canutilhos e cristais, através das mãos mágicas das bordadeiras do Projac". (<http://www.uol/uol.com.br/modabrasil/entrevista%20mad%20maria/indexhtm>)

As ambigüidades do figurino e as personagens do mundo moderno

É interessante perceber que as questões concernentes às relações espaço-tempo, ao espaço público e privado, à intimidade, à sociabilidade, à invenção à tradição enquanto elementos da modernidade vão ser tematizadas na minissérie. Ao mesmo tempo as questões relativas ao modernismo enquanto concepções estéticas e éticas da nacionalidade a acompanham. Trata-se de percebê-las como são construídas visualmente pelo figurino, cenário, jogo de câmeras. Dentro do espectro do figurino, objeto de atenção deste presente trabalho, revela-se no figurino da personagem Yolanda Penteado, por exemplo, as contradições entre tradições de um mundo rural e um mundo urbano.

É interessante tomar esta observação e examiná-la através de sua efetiva demonstração. Extraímos, neste estudo a seqüência em que Yolanda entra cavalcando na sua fazenda. Em termos de jogo de câmeras observa-se uma cena convencional, da direita para a esquerda (em direção ao conhecido). Não há efetivamente aqui nenhuma novidade, seu papel moderno não está dentro de nenhuma mudança formal em termos de jogos de câmeras.

Quanto ao vestuário também observamos que seu figurino efetivamente retrata mudança no papel feminino. No entanto, em termos de forma observamos muito mais uma representação do que uma intertextualidade. A intertextualidade existe sim e deve ser sublinhada mais, no caso da personagem Yolanda, não é o princípio geral. Quando dizemos intertextualidade estamos nos referindo não somente à reinterpretção da própria personagem histórica, mas à conexão com outras personagens, tempos históricos ou materiais.

Yolanda segue seu tempo e o figurino de Emilia Duncan se esforça em mostrá-la como uma mulher da época. A intertextualidade aqui se resume a estender um pouco mais o alcance do guarda roupa real da personagem em direção a outros figurinos do mesmo tempo histórico. Não há uma ressignificação deste em direção a outros tempos, espaços e materiais. Vejamos um dos relatórios técnicos de figurino que resume isto que estamos propondo:

Yolanda Penteado –Look 13- Anos 20
Vestido em palha de seda azul-céu e azul-piscina.
Inspirado na estilista francesa Madeleine Vionner (1876-1975), famosa pelo uso do corte enviesado. Para Emília Duncan, “Madeleine Vionnet, apesar de não ser citada entre as preferidas de Yolanda Penteado, era totalmente compatível com seu estilo pessoal, pelo design clássico e simultaneamente dinâmico.

Caberá uma discussão a respeito da representatividade ou da intertextualidade no figurino desta personagem que representa o moderno, discussão esta que somente introduzimos aqui. O figurino de Yolanda se dará de maneira representativa e sinalética como princípio, mas, isto não impedirá que algumas vezes apareça também de forma intertextual, trazendo rearticulações com outros materiais e tempos históricos. O figurino de Tarcila é também representativo como o de Yolanda mais já traz muito mais intertextualidade. Seus figurinos têm muito de um material ressignificado de brechós, outros tempos e espaços. Ao mesmo tempo, os ambientes que frequenta são iluminados por uma luz refletida. Uma dimensão do movimento moderno dentro de um contexto videográfico contemporâneo pós moderno? Há ainda muito o que pesquisar...

BIBLIOGRAFIA

BARNARD, Malcom. *Moda e Comunicação*. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.

LEITE, Adriana. *Figurino: uma experiência na televisão*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. Trad p/a a língua portuguesa sob a direção de J. Gaisburg e Maria Lucia Pereira, Ed. Perspectiva, 1999.

Referência webgráfica:

<http://www.uol/uol.com.br/modabrasil/entrevista%20mad%20maria/indexhtm>),
disponível em 22/7/2006

Exposição :

“O vestir em São Paulo pela lente de ‘Um só Coração’ realizada na Universidade Anhembi Morumbi, Abril 2004. Coordenação do curso de moda